

**REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA**

**NOVA SÉRIE
VOLUME XIV**

6ª R. ABA



**SÃO PAULO
1963**

WAYKÁ — BREVES ANOTAÇÕES INFORMATIVAS

por

BERNARDINO DE CARVALHO

Ao compor o seu esquema da divisão das Áreas Culturais Indígenas do Brasil ⁽¹⁾, hoje comumente adotado, Galvão delimitou, dentro da extensa faixa norte-amazônica, uma sub-área da savana, localizada entre os rios Branco e Cauaburi, e nela incluiu os grupos Xirianá: Xiriana, Wayká, Pakidai e Waharibos. Advertiu quanto à precariedade de informações sobre os aludidos grupos e sublinhou as dificuldades decorrentes para a caracterização cultural dessa sub-área.

Sem dúvida, grande parte dessa indigência informativa está, hoje, eliminada. Zerries ⁽²⁾ e Becher ⁽³⁾ respondem por isso. Zerries, pelos resultados da pesquisa que empreendeu entre os Wayká e Xiriana do rio Cuntinama do Alto Orinoco; Becher, entre os Surara e Pakidai. Assim, quanto aos grupos da bacia do Orinoco, o acervo antropológico enriqueceu-se muito.

De nossa parte, isto é, da parte brasileira, aquela sub-área está a reclamar pesquisas sistemáticas.

Esta comunicação tem apenas o caráter prévio de informações preliminares, pois resulta de observações feitas sem planejamento objetivo pré-estabelecido; observações ocasionais, em duas palavras. Decorreram da nossa estada em uma aldeia Opôtametéry, situada no canal de Maturacá, a meio caminho fluvial entre a Cachoeira Huá e a foz no Cauaburi.

(1) Galvão, Eduardo — Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959. Comunicação apresentada à IV Reunião Brasileira de Antropologia, Curitiba, 1959. Boletim do Museu Goeldi, n.º. 8. Antropologia.

(2) Zerries, Otto — El Endocanibalismo en la América del Sur. Revista do Museu Paulista. Vol. XII — Nova Série. São Paulo 1960.

(3) Becher, Hans — Die Surara und Pakidai. Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg. Vol. XXVI. 1960.

Lá estivemos enquanto integrávamos a Comissão Mista de Limites Brasileira-Venezuelana, que, entre os meses de dezembro de 1962 e junho deste corrente ano, tendo como acesso, águas do Negro, Cassiquiari, Faria e Oareni, se deslocou de Huá para a direção de leste, rumo das nascentes do Cauaburi; deslocou-se, pois, dentro da sub-área delimitada por Galvão, precisamente na parte ocidental.

Os dias que lá passamos, possibilitaram-nos colher entre os índios e na Missão Salesiana da Prelazia do Rio Negro, que lá tem, assim, uma frente de catequese católica, uma ponte de contato permanente da sociedade nacional com os índios, material informativo que, consideramos, não deveríamos omitir ao interesse científico.

Esta comunicação terá, talvez, esta única validade: abrir uma nova perspectiva para estudos. Perspectiva que começa pela localização tribal.

Preliminarmente: a grande nação YANONÂMI alcança extensa área selvática das bacias Amazonas-Orinoco; da serra de Pacaraima à Cachoeira Huá, por toda a cordilheira Parima e suas ramificações; Tapirapécó-Imeria, abrangendo largas regiões das vertentes e contra-vertentes que vão desaguar, de um lado, no Orinoco, e, de outro, no Amazonas, através do caudal do rio Negro e do rio Branco. Os principais grupos YANONÂMI desta grande área são: XAMATÉRY, XIRITXIANA, GUAHARIBO e WAYKÁ. Pelo que pude anotar, as áreas particulares de cada grupo são estas:

Os XAMATÉRY têm como área cultural: cabeceiras dos rios Manaca e Siapa, e formadores do Orinoco (Ugueto, Venezuela e Estado Mayor) em direção ao sul, com limite no Manaca; ao S, SE e SW, através da cordilheira Imeria-Tapirapécó.

Os XIRITXIANA: nascentes do Ventuari, Erevato, Caura e Cuntinamo, e cordilheira Parima; Uauarís e Uraricuera setentrional. Uma parte de sua área é repartida com os Maquiritary (Caribe).

Os GUAHARIBO: afluentes do Orinoco, próximos de seus formadores; Matacuni, Uatano e Padamo, aqueles afluentes deste, que é o maior tributário do Orinoco pela sua margem direita. Área pequena, sobre 3.º Lat. N.

Os WAYKÁ têm extensa área: do rio Ocamo, ao sul do Matacuni, descendo pelo rio Orinoco, proximidades da confluência do Mauaca, alcançando seu afluente Machicari, até

o recôncavo das nascentes do Orinoco. Cordilheiras Tapirapecó-Imeria, rios tributários do Negro e do Branco, desde o Uauarís, formador principal do Uraricuera, descendo pelas cabeceiras do Mucajaí, Catrimani, Demeni (com seus formadores Taraú e Tutotobí), Araçá, Padauri, Maraiuá e Cauacuri, com limite extremo ocidental no Iá.

Na região que perlongamos, tivemos contato com representantes WAYKÁ dos igarapés Yrokay (Tucano) e Mashiribuê, e da serra Opôta (Onorí); autodenominam-se YROKAY-TERY, MASHIRIBUÊTERY e OPÔTAMETERY. Pertencem a três aldeias (Xabono), que tinham, até menos de um ano, um só chefe — POLIÔME PATA-PATA, de nome TORITAUWE. Chamavam-no, afetuosamente, LOHOTE — “o velho”. Foi TORITAUWE, o líder do movimento de deslocação de sua gente; veio êle com sua gente, de uma aldeia que, segundo a tradição tribal, localizava-se além da serra Pirapucu; isto é, em área WAYKA do Orinoco. Deslocaram-se, portanto, do Orinoco para o Amazonas. Atualmente, dois filhos de TORITAUWE chefiam as aldeias; os salesianos do Maturacá chamam-nos Joaquim e Pedro; Joaquim, o mais velho, chefia as Xabono dos igarapés Mashiribuê e Yrokay; Pedro, a de Opôta.

Especificamente, a área cultural dêsses Wayká vai do Cauaburi, desde suas nascentes, até a serra Opôta (Onorí). Aqui, confronta com os limites de nordeste de outro grupo WAYKÁ, do rio Iá, que alcança, por sua vez, desde os igarapés Badabadia e Sivauni, até o rio Negro. Hostilizam-se.

Ao estudar os grupos WAYKÁ e XIRIANA, Zerries objetou a Cooper e a Steward, que os considerou como pertencentes aos “povos marginais do interior da Guiana”; para êle, o termo marginal se refere a povos primitivos nômades, principalmente exploradores, ao lado de agricultores mais civilizados, e encontram-se numa etapa cultural parecida aos maiores grupos caçadores, recoletores e pescadores.

Pelo que podemos observar, essas unidades étnicas apresentam-se como recoletoras e pequenos agricultores. Baseia-se a economia comum, além da caça, na recoleção de subsistência e de provisão de banana (seis variedades) e da pupunha, registrando-se recente introdução da mandioca, pelos missionários salesianos, a qual, entretanto, ainda não está disseminada pelas roças.

Quanto às formas de cultura, aqui estão alguns itens:

A pesca, embora exercitada, não é relevante no regime econômico; pescam com flechas e lanças e usam o cacurí. Não têm os YROKAYTERY, MASHIRIBUÊTERY e os OPÔ-TAMETERY, o uso da canoa; não a fabricam. Não a conheciam até a chegada dos missionários, há quase dez anos.

A forma da aldeia é elipsóide; a construção limita-se apenas ao teto inclinado, de palha.

Não têm instrumentos musicais. Cerâmica rudimentar, cesteria primária, sem desenhos geométricos. Côres vermelha, negra e marrom-cinza (dos cipós utilizados).

Têm muitas festas êsses WAYKÁ. Uma delas chama-se LEAHUMÔ, e é celebrada durante a colheita da pupunha. Quando as pupunhas amadurecem, faz-se a festa no terreiro central da aldeia.

Endocanibalismo em sua forma típica — adição de cinzas mortuárias na bebida. A composição da bebida não nos foi dado observar. Zerries dá-nos, quanto a isso, suficientes explicações. Os missionários salesianos fazem objeção ao endocanibalismo; não o permitem. E obrigam os índios a enterrar os seus mortos. Às vêzes, porém, não logram obediência.

Estas as observações que fizemos no Maturacá. Servirão para um programa de trabalho que pretendemos executar ainda êste ano, durante os últimos quatro meses, quando, então, voltaremos às lindes entre o Brasil e a Venezuela.